

## O narrador multifacetado em *O corteiro*, de Salman Rushdie

ANGÉLICA PEREIRA MARTINS CHAGAS  
Doutoranda em Estudos Literários (UFU).  
E-mail: angelicapereiraa@hotmail.com



**Resumo:** A partir de diálogos com alguns textos sobre memória e pós-moderno, o presente estudo analisa o conto *O corteiro*, da obra *Oriente, Ocidente*, de Salman Rushdie. Os personagens imigrantes serão analisados em relação ao enfrentamento que tiveram em seus cotidianos fora de seu país de origem. A análise foca sobretudo o posicionamento do narrador-personagem, que é impulsionado a recordar os momentos vividos com sua família em Londres e que nos revela os percalços pelos quais passou e o sentimento de dupla pertença que perdurou na sua realidade de migrante.

**Palavras-chave:** Pós-moderno. Corteiro. Imigração. Salman Rushdie.

**Abstract:** From dialogues with some texts about memory and postmodern, the present study analyzes Salman Rushdie's short story *The Cutter*. The immigrant characters will be analyzed in relation to the confrontation they had in their daily lives outside their home country. The analysis focuses mainly on the positioning of the narrator-character, who is driven to remember the moments lived with his family in London and reveals to us the mishaps they went through and the feeling of double belonging that lasted in his migrant reality.

**Keywords:** Post-modern. Cutter. Immigration. Salman Rushdie.

---

O escritor Salman Rushdie nasceu na Índia, na cidade de Bombaim, em 1947. De família muçulmana liberal e abastada, aos treze anos foi estudar na Inglaterra e lá permaneceu, tendo se tornado súdito britânico. Em 1968, formou-se no curso de história em Cambridge, no King's College. Depois de uma pequena carreira como ator, passou a dedicar-se à literatura em 1971. Seu romance *Os filhos da meia-noite* ganhou o prestigioso Booker Prize (1981), o Booker of Bookers (1993) e o Best of the Booker (2008). Já *Os versos satânicos* (1988) valeu-lhe o Whitbread Prize e uma sentença de morte, promulgada pelo aiatolá Khomeini.

Em uma reportagem publicada na RFI (Rádio França Internacional), intitulada "*Salman Rushdie não quer mais viver escondido, 30 anos após sentença islâmica que o condenou à morte*", o texto explica que desde a divulgação da sentença de morte, Rushdie começou a ser escoltado 24 horas por dia por guarda-costas. Nos primeiros seis meses, ele chegou a mudar de residência por 56 vezes. Mas, em visita à França no ano passado, Rushdie explicou: "Trinta anos se passaram, está tudo bem agora. Eu tinha 41 anos na época, agora tenho 71. Nós vivemos em um mundo onde existem muitas outras razões para ter medo, outras pessoas para matar". Atualmente o escritor mora em Nova York, tornou-se um cidadão dos Estados Unidos em 2016.

Dentre seus diversos livros publicados, o escolhido para compor o presente trabalho foi a obra *Oriente, Ocidente*. Nessa obra de contos, Salman Rushdie discorre sobre dois mundos distintos que permeiam as histórias – histórias de imigrantes, que mantêm em suas memórias um país de origem e um de escolha. Mundos que se distanciam não só na questão espacial, como também na questão temporal. O escritor pós-moderno lança um olhar de migrante sobre as distâncias e as aproximações dessas duas realidades/mundos tão divergentes. Ele apresenta o migrante que está sempre tentando se adaptar, lidando com as inúmeras diferenças culturais e com a existência mútua de diferentes identidades.

Segundo Jean-François Lyotard (1993), o pós-moderno seria aquilo que se recusa a consolação das boas formas. O texto que um escritor pós-moderno escreve, a obra que realiza, não são, em princípio, governadas por regras já estabelecidas, e não podem ser julgadas mediante um juízo determinante, aplicando a esse texto categorias conhecidas. O escritor pós-moderno recusa boas formas, recusa o gosto (comum, nostálgico), não há regras estabelecidas. Para Lyotard, a pós-modernidade é fragmentada, propondo leituras do que é desuniforme, marginal, costumeiro. Rushdie trabalha de forma a deslocar constantemente os focos da narrativa. Nesse deslocamento das formas, dos padrões, percebemos o trabalho do escritor, que vê o mundo com os olhos do migrante.

Eduardo F. Coutinho, no livro *Literatura Comparada: Reflexões*, explica que o fenômeno pós-moderno

se revela justamente naquelas obras em que se vislumbra uma pluralidade de linguagens, modelos e procedimentos, e onde oposições como entre realismo e irrealismo, formalismo e conteudismo, esteticismo e engajamento político, literatura erudita e popular cedem lugar a uma coexistência em tensão desses mesmos elementos. (COUTINHO, 2013, p.41)

As trajetórias dos personagens levam o leitor a adentrar um mundo dividido, deslocado e sufocado pelas pressões com que o imigrante se depara, no lugar a que passa pertencer. Em *Oriente, Ocidente*, o conto *O corteiro* chama a atenção ao retratar a vida de imigrantes vivendo em Londres. Na busca por se misturarem à cultura local e se incluírem como cidadãos comuns, o que ocorre, na verdade, é o destaque involuntário de suas personagens, levando-as a passar por situações ridicularizantes, de opressão e sofrimento. Eles abandonam seu lugar de origem, são forçados a se adaptarem ao uso e compreensão de uma nova língua, de socializarem com indivíduos de costumes e tradições totalmente divergentes do que estão acostumados, vivenciando muitas vezes comportamentos agressivos e hostis no novo país.

A história ocorre nos anos 60, em Londres. Além do narrador-personagem, fazem parte do enredo seu pai Abba, sua mãe Amma, suas três irmãs Durré, Sherazade e Muneeza, o porteiro do condomínio com quem a família morava e a serviçal chamada Mary. Também aparecem outros personagens secundários, como outros moradores do condomínio e Stella, a sobrinha de Mary.

Nesse trabalho, o objetivo é mostrar que o processo de migração da família do narrador de *O corteiro* foi tempestuoso, visto que a cultura do Oriente é atropelada pela

cultura Ocidental. A família indiana sofre com a prepotência dos ingleses, passa por constrangimentos constantes, agressões verbais e físicas. O narrador vive então uma multiface, indiano por natureza, quer ser visto como cidadão de Londres; porém, com cidadania britânica, não consegue se abster de pensar em seu país de origem e de sentir falta dele. Na realidade, continua multifacetado à medida que não consegue se decidir, escolher um dos planos fixos para estar nele.

O narrador inicia o conto citando a personagem indiana Mary-Certamente e o porteiro do edifício com quem ele morava:

Mary-Certamente era a menor mulher que Miscelânea, o porteiro, conheceu, exceto anãs, uma pequenina senhora indiana de sessenta anos de idade com cabelos grisalhos presos atrás da cabeça num impecável coque, erguendo a frente do sári branco de barra vermelha e subindo com dificuldade os degraus da entrada do bloco de apartamentos como se fossem os Alpes. (RUSHDIE, 2011, p. 128)

Na verdade, o nome da personagem era apenas Mary, mas “ele começou a pensar nela como Mary-Certamente por que ela nunca dizia só sim ou só não; sempre este Oh-sim certamente ou não-certamente-não” (RUSHDIE, 2011, p. 129). Nascida na Índia, Mary foi para Londres com a família de classe alta do narrador, em cuja casa ela trabalhava como ajudante. A figura dessa serviçal era vista pelo narrador com grande importância. Ele a considerava como uma segunda mãe, já que ela participara de toda sua criação.

Inglês era difícil para Mary-Certamente, e esta foi uma das coisas que levaram o velho e avariado Miscelânea a se aproximar dela. A letra p era um problema particular, com frequência se transformando num f ou num c; quando ela atravessava o saguão puxando um carrinho de compras de vime, ela dizia: “Vou fazer comfras”, e quando, ao voltar, ele se oferecia para ajudar a levantar o carrinho até o alto dos ghats da frente, ela respondia: “Sim, for favor”. Enquanto o elevador a levava para cima, ela gritava pela grade da porta: “Ei, corteiro! Obrigada, corteiro. Oh, sim, certamente”. (Em hindu ou em concani, porém, os pp eram colocados nos lugares certos.)” (RUSHDIE, 2011, p. 129)

A questão linguística é o primeiro entrave do imigrante em Londres citado pelo narrador. A imigrante Mary, no caso, não tem facilidade com o inglês e confunde algumas letras. O narrador segue a narrativa explicando que “há anos venho querendo escrever a história de Mary-certamente, nossa aya, a mulher que fez tanto quanto minha mãe para criar minhas irmãs e a mim, e sua grande aventura com seu “corteiro” de Londres” (RUSHDIE, 2011, p. 130), período em que o narrador e sua família moravam em um bloco de apartamentos chamado Waverley House no início dos anos 60. Mas o narrador só é impulsionado a escrever ao receber uma carta de Stella, a sobrinha da aya, pedindo ajuda financeira para custear o tratamento de Mary, que se encontrava doente.

Henri Bergson (2006) nos diz que a memória se encontra nos objetos e no sentido que eles adquirem para a nossa lembrança. O narrador, já adulto, resolve

contar a história de Mary quando a memória de sua infância é resgatada com a chegada da carta: “essa mensagem de uma estranha íntima chegou até mim em exílio forçado do adorável país de meu nascimento e me comoveu, remexendo coisas que estavam enterradas lá no fundo” (RUSHDIE, 2011, p. 130-131). A carta ativou a memória involuntária do narrador e o levou até o tempo de sua infância/adolescência. Além de Mary, ele descreve também a figura do porteiro:

O nome verdadeiro dele era Mecir: a gente devia dizer Mishirsh porque havia nele tonicidades invisíveis em alguma língua da Cortina de Ferro nas quais as tonicidades tinham que ser invisíveis, minha irmã Durré explicou solenemente, caso alguém as espionasse ou as obtivesse friccionando, ou qualquer coisa. O primeiro nome dele também começava com um m, mas estava tão cheio do que chamávamos de consoantes comunistas, todos aqueles zz, cc e ww agrupados juntos sem vogais para lhes dar espaço para respirar, que nunca nem tentei aprendê-lo. No início pensamos em lhe pôr um apelido tirado de uma pequena e travessa personagem de história em quadrinhos, Mr. Mxyzptlk, da Quinta Dimensão, que parecia um bocado com Elmer Fudd e costumava infernizar a vida do Super-Homem, até que o bravo Supe conseguisse enganá-lo e fazê-lo dizer o nome de trás para a frente, Klptzyxm, com o que ele desaparecia de volta para a Quinta Dimensão; mas como a gente não tinha muita certeza de como pronunciar Mxyzptlk (para não dizer Klptzyxm), desistimos da ideia. “Vamos chamá-lo de Miscelânea”. (RUSHDIE, 2011, p. 131)

Essa é uma espécie de memória involuntária em que as lembranças guardadas no subconsciente são recuperadas. Um processo de reviver, no presente, em situações do acaso, a impressão de sensações vivenciadas no passado, um fio condutor de tempo, entre passado e presente. Um bom exemplo para ilustrar o que é a memória involuntária é o episódio do biscoito “madeleine” presente no livro de Marcel Proust: *No Caminho de Swann*<sup>1</sup>. Ao mergulhar o biscoito numa xícara de chá e levá-lo a boca, o

---

<sup>1</sup> Uma passagem no romance de Proust que explora a questão do tempo é quando a infância do narrador é recuperada com recordações da cidade de Combray, recordações que foram despertadas pelo sabor de um biscoito, chamado “madeleine”. Segue um fragmento desse extenso trecho do episódio, que foi narrado em aproximadamente três páginas do romance:

Um dia de inverno, ao voltar para casa, vendo minha mãe que eu tinha frio, ofereceu-me chá, coisa que era contra meus hábitos. A princípio recusei, mas, não sei por que, terminei aceitando. Ela mandou buscar um desses bolinhos pequenos e cheios chamados madeleines e que parecem moldados na valva estriada de uma concha de são Tiago. [...] levei aos lábios uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço de madeleine. Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou meu paladar, estremeci, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção de sua causa. [...] E de súbito a lembrança me apareceu. Aquele gosto era o do pedaço de madeleine que nos domingos de manhã em Combray [...] minha tia Léonie me oferecia, depois de o ter mergulhado em seu chá da Índia ou de tília, quando ia cumprimentá-la em seu quarto. [...] o odor e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, lembrando, aguardando, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, e suportando sem ceder, em sua gotícula impalpável, o edifício imenso da recordação. [...] eis que a velha casa cinzenta, de fachada para a rua, onde estava seu quarto, veio aplicar-se, como um cenário de teatro, ao pequeno pavilhão

protagonista relembra toda a sua infância na cidade fictícia de Combray. Segundo Proust, as recordações “libertadas por nós, venceram a morte e voltam a viver conosco” (PROUST, 2006, p.43).

O narrador de *O corteiro* tem as recordações de sua juventude reativadas e todo o cenário de sua família em Londres vem à tona. A leitura da carta foi um acaso que surgiu, impôs-se e obrigou o narrador a parar, a pensar. E as primeiras figuras que surgiram foram Mary e o porteiro. O porteiro era uma figura de aparente classe social mais baixa do que a da família moradora do edifício. Ele também era um imigrante morando em Londres.

A coisa de que me recordo mais vivamente são suas luvas de borracha cor-de-rosa para lavar pratos, as quais ele parecia nunca tirar, pelo menos não até ele vir procurar Mary-Certamente... De qualquer forma, quando eu o insultava, com minhas irmãs Durré e Muneza tagarelando no elevador, Mecir simplesmente arreganhava um sorriso vazio e bondoso, balançava a cabeça, “Pode me xingar do que quiser, tudo bem”, e voltava a lustrar e polir os metais. Não fazia sentido provocá-lo se era para ele se comportar daquele jeito, de modo que eu entrava no elevador e, no trajeto até o quarto andar, nós cantávamos “I can't stop loving you” no limite de nossas melhores vozes de Ray Charles, que eram horrendas. Mas estávamos usando nossos óculos escuros, não tinha importância. (RUSHDIE, 2011, p. 132)

É perceptível que o porteiro se posicionava como alguém inferior à família do narrador, visto que tolerava os insultos das crianças e mantinha o sorriso no rosto mesmo sendo insultado.

A família do narrador estava em Londres pela decisão única e autoritária do pai, Abba, uma figura severa e rude. Pelas palavras do filho: “estava num internato na Inglaterra por mais ou menos um ano quando Abba tomou a decisão de trazer a família. Como todas as decisões que ele tomava, esta não foi nem explicada nem discutida com ninguém, nem mesmo com minha mãe.” (RUSHDIE, 2011, p. 133) Ele exemplifica que, certa vez, o pai alugou dois apartamentos para sua família:

Ele ficou com um desses apartamentos para si mesmo e pôs minha mãe, as três irmãs e a aya no outro; e também eu, nas férias escolares. A Inglaterra, onde

---

que dava para o jardim e que fora construído para meus pais aos fundos dela (esse truncado trecho da casa que era só o que eu recordava até então); e, com a casa, a cidade toda, desde a manhã à noite, por qualquer tempo, a praça para onde me mandavam antes do almoço, as ruas por onde eu passava e as estradas que seguíamos quando fazia bom tempo. E, como nesse divertimento japonês de mergulhar numa bacia de porcelana cheia d'água pedacinhos de papel, até então indistintos e que, depois de molhados, se estiram, se delineiam, se cobrem, se diferenciam, tornam-se flores, casas, personagens consistentes e reconhecíveis, assim agora todas as flores de nosso jardim e as do parque do sr. Swann, e as ninfeias do Vivonne, e a boa gente da aldeia e suas pequenas moradias e a igreja e toda a Combray e seus arredores, tudo isso que toma forma e solidez, saiu, cidade e jardins, de minha taça de chá. (PROUST, 2006, p. 43, 44, 45)

bebidas alcoólicas podiam ser compradas livremente, contribuiu pouco para a bonomia de meu pai, de modo que, de certa maneira, era um alívio ter um apartamento para nós. (RUSHDIE, 2011, p. 133)

A única figura que o pai respeitava era Mary. “Aya Mary levava o jantar para Abba e atendia todos os seus telefonemas (quando queria alguma coisa, ele nos telefonava pedindo)” (RUSHDIE, 2011, p. 134). Na cultura indiana, o respeito aos mais velhos é levado muito a sério e, portanto, ela ficava imune às grosserias e imposições dele. “Não sei bem por que Mary estava isenta das explosões de bêbado dele. Ela disse que era porque era nove anos mais velha, de modo que podia lhe falar para mostrar o devido respeito” (RUSHDIE, 2011, p. 134).

A mudança do narrador com sua família para Londres resulta em “deslocamentos”. Devido ao distanciamento das personagens quanto à sua origem e o contato com o novo – com o diferente –, ambos sofrem não só o deslocamento de território físico, mas também um deslocamento de território na dimensão cultural. A construção social de Londres não é a mesma que conheciam na Índia, logo as relações sociais do novo espaço causam dificuldade, estranhamento e desconforto.

Em determinado momento do conto, Abba é surpreendido com os imprevisíveis problemas decorridos do fato de serem imigrantes: “– Ela me bateu – disse ele lamentoso. – Hai! Allah-tobah! Querido! – gritou minha mãe, alvoroçada. Quem te bateu? Está machucado? Me mostra, me deixa ver” (RUSHDIE, 2011, p. 134). Abba tentava explicar:

– Não fiz nada – ele disse, parado no vestíbulo com a sacola da farmácia na outra mão e o rosto tão rosado quanto as luvas de borracha de Mecir. – Eu entrei lá com a lista que vocês me deram. A moça parecia muito prestativa. Pedi expectorante para bebê, talco Johnson, pomada para os dentes que estão nascendo, e ela os trouxe. Depois perguntei se tinha bicos de mama, e ela me deu um tapa na cara. (RUSHDIE, 2011, p. 135).

Mary tentou acalmá-lo dizendo: “– Mas que absurdo é este? – quis saber. – Já fui naquela farmácia, e eles têm uma forção de bicos de mama, de tamanhos diferentes, tudo à mostra.” (RUSHDIE, 2011, p. 135). A dificuldade de Mary ao pronunciar certas palavras; o sotaque diferente do porteiro; as diferenças linguísticas, no geral, se apresentam frequentemente como grandes empecilhos na rotina dos imigrantes. Foram as crianças que alertaram Abba para o erro linguístico:

Durré e Muneza não se contiveram. Rolavam no chão, rindo e atirando as pernas para o ar. – Os dois fechem já esse bico – minha mãe ordenou. – Uma doida deu na cara do seu pai. Onde é que está a graça? – Não acredito – arquejou Durré. – O senhor foi falar com a moça e disse – e neste momento não aguentou de novo, batendo os pés e segurando o estômago – “você tem bicos de mama?”. Meu pai ficou possesso, vermelho. Durré controlou-se. – Mas Abba – disse ela enfim – aqui eles chamam bico de mamadeira de “mamilo”. (RUSHDIE, 2011, p. 135).

O movimento de afastamento das raízes e o novo acesso com o distinto inserem os personagens a uma nova ordem, em que a necessidade de identificação com o diverso é constante. Os personagens de distintas origens e, portanto, culturas, começam a interagir em Londres e passam por muitos percalços ao tentarem se encaixar frente à nova cultura. Com essa cena da confusão de Abba, que queria apenas bicos de mamadeira, e a atendente entendeu que ele se referia aos seios do corpo feminino, Salman Rushdie mostra aos leitores que os imigrantes passam por humilhações apenas pelo fato de não terem conhecimento sobre pequenas questões.

Ainda sobre o contratempo enfrentado pelo personagem Abba, o narrador não sentiu pena alguma do pai. A figura do austero, arrogante e prepotente chefe de família cessou por breves instantes ao ser humilhado por uma mulher. “Lembro-me deliciado desta história, porque foi a única vez que vi papai tão derrotado, e o incidente tornou-se lendário e a moça da farmácia elevada a nosso objeto de grande veneração” (RUSHDIE, 2011, p. 136). É possível identificar que o ocorrido foi visto com seriedade e lamentação por parte dos adultos, já que, no seu país de origem, uma mulher jamais levantaria a voz para um homem. Porém, aos olhos dos mais novos se tornou motivo de risos e satisfação, já que não tinham em si tão enraizados alguns costumes rígidos da Índia e já tinham se acostumado um pouco à cultura da Inglaterra.

Em meio às discussões do pai dentro de casa, o narrador expressa que seu maior desejo da juventude era conseguir cidadania britânica. O seu passaporte indiano só o permitia viajar para um número muito pequeno de países. Sua maior vontade era um dia poder livrar-se do pai. Com a cidadania britânica conquistada “não teria aquela carranca” (RUSHDIE, 2011, p. 150) na vida dele. Mas, na sequência, ele se auto adverte:

Aos dezesseis anos, a gente pensa que pode fugir do pai. A gente não está ouvindo a voz dele falando pela boca da gente, a gente não percebe como nossos gestos já espelham os dele; a gente não o vê no modo como nos mantemos de pé, no modo como assinamos nosso nome. A gente não ouve o sussurro dele em nosso sangue. (RUSHDIE, 2011, p. 150)

Nas narrativas pós-modernas, o passado também é visto como forma de reflexão, assim como o narrador de *O corteiro* reflete sobre seu desejo de afastamento do pai, quando na realidade o pai está inevitavelmente enraizado nele. Eduardo F. Coutinho reflete que “nesse tipo de narrativa, o passado é resgatado não mais como documento portador de verdades incontestáveis, mas como texto, como discurso, e é conscientemente abordado com o olhar do presente” (COUTINHO, 2013, p.45). No presente, o narrador chega a ponderar que, apesar de abnegar e censurar muitas das atitudes do pai, está em si traços e particularidades advindas de Abba.

O narrador continua sua história explorando o aparente romance entre Mary e o porteiro:

Sendo um esnobe, Abba não estava feliz com o fato de que no apartamento faltava uma entrada de serviço, de modo que até um porteiro tinha que ser tratado como um membro do mesmo universo dele. – Mary – Miscelânea conseguiu dizer, lambendo os lábios e puxando para trás o desleixado cabelo branco. – Eu, para ver senhorita Mary, vim. (RUSHDIE, 2011, p. 136,137)

Mas a relação amorosa não ocorre tranquilamente, pelo contrário. Vários transtornos são narrados, como o dia em que Miscelânea levou Mary para passear e seu sári ficou preso na escada rolante: “– Oh, corteiro! – ela chorou no ombro dele. – Ah, chega de escada rolando, corteiro, nunca mais, decerto que não.” (RUSHDIE, 2011, p. 137). Outro programa que faziam juntos era assistir à TV:

Graças a Miscelânea, Mary pôde enfim ver televisão. Ela preferia programas infantis, principalmente os Flintstones. Uma vez, rindo de seu atrevimento, Mary confidenciou para Miscelânea que Fred e Wilma lhe lembravam sahib e begume sahíba lá em cima; ao que o corteiro, com o mesmo atrevimento, apontou primeiro para Mary-Certamente e depois para si mesmo, sorriu um largo sorriso cheio de lacunas e disse: “Rubble”. (RUSHDIE, 2011, p. 139)

Na simplicidade do condomínio, o casal parecia, por determinados instantes, familiarizado com tudo à sua volta. “Ele a cortejava, e, como uma pudica, anelada ingênua com um leque, ela inclinava a cabeça, e lhe alisava o paletó. Eles são uma página tirada da his-tó-ria” (RUSHDIE, 2011, p. 140). A relação de respeito, reciprocidade e admiração dava ao narrador a sensação de que o casal era surreal ao momento vivido, uma página tirada da história de um livro de romance antigo.

O passatempo de Mary e do porteiro era o jogo de xadrez, momentos compartilhados com o narrador: “seguiu-se um massacre da realeza. Miscelânea não só me derrotou; me devorou como uma refeição, fácil-fácil.” (RUSHDIE, 2011, p. 142). Em seu país de origem, o porteiro havia sido um grande professor de xadrez. “– Quem é você? – inquiri, a humilhação pesando cada sílaba. – O diabo disfarçado? Miscelânea sorriu seu enorme e tolo sorriso. – Grande Mestre – disse. – Muito tempo. Antes cabeça.” (RUSHDIE, 2011, p. 142).

O narrador estabelece um paralelo quanto às partidas de xadrez. Ao jogar com o porteiro, ele pôde perder de maneira muito fácil e ser derrubado até por Mary: “e então também ela me derrotou, me deixando bobo, e com as peças negras. Não foi o melhor dia de minha vida.” (RUSHDIE, 2011, p. 143). Já nos desafios de xadrez entre o casal, a circunstância não era a mesma: “quando jogavam, ele se impunha desvantagens, dizia-lhe quais eram os melhores lances e demonstrava as consequências, atraindo-a, passo a passo, para as infinitas possibilidades do jogo.” (RUSHDIE, 2011, p. 144).

O narrador reflete: “era esse o namoro deles.” (RUSHDIE, 2011, p. 144). E o namoro era interrompido pelos acasos forçados da situação a que pertenciam de serem imigrantes. Ele discorre que “no patamar fora de nosso apartamento estava Miscelânea, o corteiro, todo encolhido contra a parede, chorando. Estava com um olho roxo e havia sangue coagulado na boca.” (RUSHDIE, 2011, p. 146). Por diversas vezes, o porteiro apanhava no lugar dos moradores do condomínio. Nesses momentos, a tranquilidade se dissipava, Mary “perguntou a Miscelânea se ele queria jogar xadrez; mas desta vez o corteiro não quis jogar.” (RUSHDIE, 2011, p. 149).

Em outro momento o porteiro tenta defender Mary e a mãe do narrador, quando são confundidas na rua:

– Senhores senhores não senhores estas não B... mulheres senhores B... mulheres em cima no terceiro andar senhores marajá de B... também senhores verdade por Nosso Senhor jurar túmulo de mãe. Foi a frase mais longa enunciada por ele desde o derrame que lhe danificou a língua havia muito tempo. (RUSHDIE, 2011, p. 152).

Mas aparentemente a situação nunca se mostrava boa aos imigrantes. Sobretudo ao porteiro que, nesse dia, apanhou de forma cruel no meio da rua. “O corteiro, estava caído na calçada, sangue saindo de um ferimento no estômago. – Tudo bem, agora – arquejou, e desfaleceu.” (RUSHDIE, 2011, p. 152,153).

Tantos incidentes deixaram marcas corporais e de alma. Depois de tanto ser agredido, Mecir “estava mais lento para sorrir, de olhos mais opacos, mais para dentro. Mary também tinha se voltado mais para si mesma. Ainda se reuniam para o chá, os crumpets e os Flintstones, mas alguma coisa já não estava certa.” (RUSHDIE, 2011, p. 155). Mary não suportou as pressões, intimidações e violência que presenciava. “Não sei o que está errado comigo – disse a meus pais, sem mais nem menos. – Preciso ir para minha terra.” (RUSHDIE, 2011, p. 155). Determinada, aya se despede da família.

Então a Inglaterra é que estava partindo seu coração, partindo-o por não ser a Índia. Londres a estava matando, por não ser Bombaim. E Miscelânea?, eu me perguntava. Estava o corteiro matando-a também porque deixara de ser ele mesmo? Ou será que seu coração, laçado por dois amores diferentes, estava sendo puxado para o Oriente e para o Ocidente, relinchando e empinando-se, como aqueles cavalos de filme sendo arrastados deste lado por Clark Gable e daquele lado por Montgomery Clift, e ela sabia que para viver tinha que escolher? (RUSHDIE, 2011, p. 155)

Segundo Stuart Hall, a perda de um “sentido de si” estável pode ser denominada como deslocamento ou descentração do sujeito. “Esse duplo deslocamento –descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.” (HALL, 2006, p.9). Mary não suportou continuar fora de seu lugar de origem, não conseguiu se encontrar estando deslocada da Índia, e o retorno a Bombaim foi então imediato.

No momento da partida de Mary-Certamente o porteiro não estava presente. Mas o narrador não se importou:

Mecir, o porteiro, não estava à vista em parte alguma. Mary não bateu à porta de seu cubículo, mas atravessou direto o saguão de painéis de carvalho recém-polidos, cujos espelhos e metais brilhavam; ela se sentou no banco traseiro de nosso Ford Zodiac e ali ficou toda enrijecida, agarrando a bolsa no colo, olhando fixo e reto para a frente. Eu a conheci e a amei minha vida inteira. Não tem importância o seu corteiro, queria gritar para ela, mas e eu? (RUSHDIE, 2011, p. 156).

No decorrer da narrativa, evidencia-se a concepção de um narrador multifacetado, um sujeito que se encontra sem uma amarração, ancoragem no mundo social, processo derivado das transformações pelas quais passou durante a migração, que o deixou sem apoio estável. Segundo Stuart Hall, “as transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas.” (HALL, 2006, p.25). Com sua partida, Mary levou consigo a parte da Índia que ainda se mantinha viva e presente na vida do narrador. Por isso, os momentos vividos com a aya e o porteiro ficaram tão marcados na memória do narrador, que sempre esteve ligado à Índia e nunca totalmente amarrado à Londres.

Tornei-me cidadão britânico naquele ano. Fui um dos afortunados, suponho, porque, apesar daquele jogo de xadrez, Dodo ficou do meu lado. E o passaporte de fato, de várias maneiras, libertou-me. Permitia-me ir e vir, fazer escolhas que não as que papai desejaria. Mas também eu tenho cordas em torno de meu pescoço, tenho-as até hoje, puxando para esta e aquela direção, Oriente e Ocidente, os laços apertando, ordenando: escolha, escolha. (RUSHDIE, 2011, p. 156)

No conto, conhecemos personagens que vivem entre dois mundos, na berlinda de uma escolha que não conseguem fazer. Eles não abandonam suas raízes por completo. E, do mesmo modo, não conseguem adentrar totalmente a cultura do grupo em que se inseriram. Habitar outro país não os deixou totalmente pertencentes e confortáveis naquele lugar, pelo contrário. A personagem Mary não conseguiu esquecer e se manter afastada do Oriente, já o narrador escolheu envolver o Ocidente à sua cultura Oriental e optou por passar sua vida no Ocidente. Tempos depois, o narrador ainda sai em busca de reencontrar o porteiro: “– Onde está Miscelânea? – bradei, tomado de surpresa. Desculpei-me em seguida, embaraçado. – Digo, o senhor Mecir, o porteiro. – Eu sou o porteiro, senhor – disse o homem. – Não sei nada sobre nenhuma miscelânea.” (RUSHDIE, 2011, p. 157). A insistência em recuperar seu passado e entender a sua história é o que leva o narrador a procurar por Miscelânea. O narrador conta a história de Mary-Certamente e do porteiro, evocando sua terna lembrança de sua pátria. Narrar todos aqueles acontecimentos era como trazer à tona uma parte do Oriente.

Em *O pós-moderno em debate*, George Yudice afirma que a pós-modernidade é a “insistência num questionamento crítico da sociedade ‘moderna’, das suas desigualdades sociais, das formas de participação no debate político, do espaço reservado à produção e à recepção das obras de arte.” (YUDICE, 1999, p.47). Ele ressalta que a sociedade pós-moderna é “exatamente aquela em que os grupos sociais menos favorecidos se organizam para defender os seus direitos e, mais do que isto, para exigir a transformação de uma realidade social que os reprime e sufoca.” (YUDICE, 1999, p.48). A situação dos imigrantes na obra de Salman Rushdie é exatamente a de repressão e sufocamento frente à realidade social em que vivem. O escritor pós-moderno apresenta esse grupo social desfavorecido com o olhar de imigrante, já que ele próprio é um imigrante em sua vida real. Com a leitura do seu

livro *Oriente, Ocidente*, os leitores têm a chance de refletir sobre essa classe oprimida e ter uma visão clara dos transtornos sofridos por esses indivíduos.

George Yudice diz que a própria existência de minorias não deixa que a pós-modernidade, ligada à ideia de simulacro, ignore essas maneiras de existir. O escritor ainda acrescenta que a indústria cultural produz imagens “conservadoras, de efeitos repressivos, sobre as mulheres, os homossexuais, os judeus, os negros e outras minorias étnicas e culturais. Por isso, a crítica à produção de simulacros é parte da luta política das minorias.” (YUDICE, 1999, p.48). As minorias, no caso da obra de Salman Rushdie, são, principalmente, os imigrantes, como os retratados no conto *O corteiro*, que vivem uma cultura híbrida, já que a cultura indiana nunca se apagará por completo; ao mesmo tempo, precisam vivenciar e se adequar à cultura da Inglaterra para sobreviverem. Conforme afirma Hall (2006, p.89),

as pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida” ou de absolutismo étnico. Elas estão irrevogavelmente traduzidas. A palavra “tradução”, observa Salman Rushdie, “vem, etimologicamente, do latim, significando “transferir”; “transportar entre fronteiras”. Escritores migrantes, como ele, que pertencem a dois mundos ao mesmo tempo, “tendo sido transportados através do mundo..., são homens traduzidos.” (RUSHDIE, 1991). Eles são o produto das novas diásporas criadas pelas migrações pós-coloniais. Eles devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia. Há muitos outros exemplos a serem descobertos.

O narrador é multifacetado à medida que recorre à memória para tentar resgatar sua história com seu país de origem e ao mesmo tempo escolhe outro país para viver. Ele não se desliga totalmente da Índia. Percebemos isso ao final do conto quando ele ainda tenta reencontrar o porteiro, reencontrar resquícios de um tempo não retornável. Essa instabilidade de estar em um lugar e ir constantemente à busca de rastros do passado de outro lugar é a prova de que o narrador não tinha o sentimento de pertença nem de um, nem de outro plano. O que desejava era manter a cultura de um, mesmo estando presentificado em outro. Trata de um personagem que tenta manter duas faces, dois querereres, duas realidades que não cabem em um lugar unificado. Sendo assim, vive deslocado, entre Ocidente e Oriente, sem âncora, sem amarração fixa.

### *Referências*

BERGSON, Henri. *Memória e vida*: textos escolhidos por Gilles Deleuze. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

COUTINHO, Eduardo F. *Literatura comparada*: reflexões. São Paulo: Annablume, 2013.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Disponível em: [https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com\\_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf](https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf). Acesso em: 02 jun. 2019.

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno explicado às crianças*. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. Tradução Mario Quintana. 3. ed. rev. Olgária Chaim Féres Matos; prefácio, cronologia, notas e resumo Guilherme Ignácio da Silva; posfácio Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Globo, 2006.

SALMAN Rushdie não quer mais viver escondido, 30 anos após sentença islâmica que o condenou à morte. Plataforma online: *RFI*, 2019. Disponível em: <http://br.rfi.fr/mundo/20190214-salman-rushdie-nao-quer-mais-viver-escondido-30-anos-apos-sentenca-islamica-que-o-con>. Acesso em: 04 jun. 2019.

RUSHDIE, Salman. *Oriente, Ocidente*. Trad. Melina R. de Moura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RUSHDIE, Salman. *Os filhos da meia-noite*. Trad. de Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RUSHDIE, Salman. *Versículos satânicos*. Trad. de Ana Luísa Faria; Miguel Serras Pereira. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

YUDICE, George. O pós-moderno em debate. *Ciência Hoje*, v. 11, n. 62, março, 1990, p. 46-57. Entrevista a Maria de Souza, Wander Mello Miranda e Roberto Barros de Carvalho.